

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
TUTTO FELLINI
17 e 27 de novembro de 2020

PROVA D'ORCHESTRA / 1978 *(Ensaio de Orquestra)*

um filme de Federico Fellini

Realização: Federico Fellini / **Argumento:** Federico Fellini e Brunello Rondi / **Fotografia:** Giuseppe Rotunno / **Montagem:** Ruggero Mastroianni / **Direção Artística:** Dante Ferretti / **Música:** Nino Rota / **Guarda-Roupa:** Gabriella Persucci / **Intérpretes:** Balduin Baas (maestro), Clara Colosimo (harpa), Elisabeth Labi (piano), Ronaldo Bonacchi (contrafagote), Ferdinando Villella (violoncelo), Giovanni Javarone (tuba), David Mauhsell (concertino), Francesco Aluigi (violino), Andy Miller (oboé), Sibyl Mostert (flauta), Franco Mazzieri (trompete), Daniele Pagani (trombone), Luigi Uzzo (violino), Cesare Martignoni (clarinete), Umberto Zuanelli (copista), Filippo Trincia (empresário), Claudio Ciocca (sindicalista), Angelica Hansen (violino), Federico Fellini (entrevistador), etc.

Produção: RAI Radiotelevisione Italiana / **Cópia:** DCP, cor, legendado em inglês e eletronicamente em português, 73 minutos / **Estreia Mundial:** Itália, 1978 / **Estreia em Portugal:** 27 de Novembro de 1980, no Cinema Quarteto.

Prova d'Orchestra é um filme que pode ser visto de duas maneiras: como alegoria política, onde o individualismo leva ao caos, que redundando em revolta, que, por sua vez, só se resolve no totalitarismo do tipo hitleriano; ou então como puro espetáculo cinematográfico (seja lá o que isso for), em que nos devemos abstrair de tudo o que não seja a pura fruição do filme como cinema. O primeiro modo de ver o filme é banal e redutor; o segundo, utópico. Difícil será determinar o que nos resta. Mas uma coisa é absolutamente certa: **Prova d'Orchestra** não é um filme sobre um ensaio de orquestra, nem sobre a psicologia do músico, nem sobre música, apesar de, num ou noutro momento do filme, o espectador ser quase levado a acreditar que sim. Desengana-se, porém, muito rapidamente. E se o espectador tem alguns conhecimentos musicais, se alguma vez tocou algum dos instrumentos que figuram no filme, então não pode deixar de rir às gargalhadas durante 71 minutos, pois, como já se disse, **Prova d'Orchestra** nada tem que ver - ou só superficialmente - com músicos e música. No entanto, é um filme fascinante. Porquê?

Em primeiro lugar, tratando-se de um filme de Federico Fellini, nunca poderia ser menos que fascinante: pois Fellini, mais do que qualquer outro grande cineasta da história do cinema, tem o condão de simultaneamente repelir e atrair o espectador: ver **Fellini-Satyricon**, **Prova d'Orchestra**, **E la Nave Va** ou mesmo **Otto e Mezzo** pode ser uma experiência exasperante; mas o espectador, mesmo o menos felliniano, não pode deixar de sentir que o que um filme de Fellini lhe oferece em termos de "vivência do cinema" é algo de muito especial que mais nada, a não ser outro filme de

Fellini, lhe poderia oferecer. Esta afirmação um pouco provocatória faz lembrar a célebre frase de Marilyn ao ser confrontada, num dos seus filmes, com um copo de whiskey: *I hate the taste but I love the effect*. E dos filmes citados, **Prova d'Orchestra** é sem dúvida o mais exasperante, começando pela questão ultra irritante da dobragem feita a martelo, a que já nos habituámos em filmes italianos, mas que neste filme ultrapassa os limites do tolerável por largos quilómetros. Já nem se trata da questão de o actor estar claramente a recitar o alfabeto, sabe Deus em que língua, ao mesmo tempo que a banda sonora nos faz ouvir um prolongado e desenvolvido discurso sobre as vantagens e desvantagens de tocar este ou aquele instrumento: a coisa torna-se particularmente ridícula e excessiva quando, num filme pretensamente "musical", vemos no ecrã um grupo de instrumentistas a tocar energicamente frases musicais que, na banda sonora, são tocadas por outros instrumentos, totalmente diferentes dos que temos à nossa frente. Poderá muito bem tratar-se de um pormenor irrelevante para uma apreciação menos mesquinha do filme: mas um filme, para ser bem conseguido, tem de ser um pouco mais do que a soma das suas partes, e quando nem as partes resistirem à prova dos nove ... mas adiante. Poderíamos ainda focar a questão de alguns dos "músicos" terem tido o seu primeiro contacto com o seu respectivo instrumento durante a rodagem de **Prova d'Orchestra**, mas julgo que já não vale a pena insistir mais nesse ponto. Não é um filme sobre música; não batamos mais nessa tecla.

O que é, apesar de tudo, curioso é o facto de algumas das *vignettes* até não serem mal apanhadas: as rivalidades dentro da própria orquestra, a personalidade do violinista por oposição à do clarinetista, tudo isto tem uma certa graça e verosimilhança - se pensarmos numa orquestra típica de um país típico do sul da Europa: funcionariam estas caricaturas numa orquestra alemã, austríaca ou americana? Mas isso seria outro filme, certamente sem a assinatura de Fellini. A propósito da questão da nacionalidade, poder-se-ia, também, questionar a escolha da nacionalidade do maestro: por que razão é que o maestro é alemão? Nunca houve falta, em Itália, de bons maestros, nem, já agora, de (bons?) fascistas; se Balduin Baas termina o filme a berrar em alemão, imitando a voz mais sinistra da História, um maestro italiano a imitar Mussolini teria produzido exactamente o mesmo efeito, sem, contudo, dar a entender que tanto a música como o fascismo são prerrogativas da mentalidade alemã. Se, no entanto, Fellini quis visar, no seu filme, determinada figura da música internacional, conhecida pelo seu narcisismo e pelo seu passado nazi, então a coisa muda de feição e não é mais do que o mais quadrado mau gosto.

Relativamente à técnica da entrevista adoptada por Fellini em **Prova d'Orchestra**, ressaltam mais as limitações do que as possíveis vantagens: pôr os actores sempre a falar directamente para a câmara não é a opção que confere mais variedade e interesse cinematográfico a um filme. A utilização do espaço fechado, por outro lado, é exemplar e testemunha a maestria de um grande cineasta, que, por aberrantes que possam ser alguns aspectos do seu cinema, nunca deixará de fascinar mesmo quem, como Marilyn e o whiskey, não gosta muito do gosto dos seus filmes.

Frederico Lourenço

Texto originalmente escrito antes da entrada em vigor do novo Acordo Ortográfico